



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA- UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS APLICADAS –
FATECS

LUIZ FLÁVIO MENDES EVANGELISTA

ANÁLISE DA LINGUAGEM USADA NAS MATÉRIAS DE ECONOMIA

CORREIO BRAZILIENSE e JORNAL DE BRASÍLIA

BRASÍLIA

2015

LUIZ FLÁVIO MENDES EVANGELISTA

ANÁLISE DA LINGUAGEM USADA NAS MATÉRIAS DE ECONOMIA

CORREIO BRAZILIENSE e JORNAL DE BRASÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso –TCC
apresentado como um dos requisitos para a
conclusão do curso de Jornalismo do
UniCEUB - Centro Universitário de Brasília.
Orientador: Prof. Me.Vivaldo de Sousa

BRASÍLIA

2015

LUIZ FLÁVIO MENDES EVANGELISTA

ANÁLISE DA LINGUAGEM USADA NAS MATÉRIAS DE ECONOMIA

CORREIO BRAZILIENSE e JORNAL DE BRASÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso –TCC
apresentado como um dos requisitos para a
conclusão do curso de Jornalismo do
UniCEUB - Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Vivaldo de Sousa

Brasília, 18 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me.: Vivaldo de Sousa
Orientador

Prof (a) Dra.: Renata Bittencourt de Carvalho
Avaliadora

Prof.Me. : Luiz Cláudio Ferreira
Avaliador

BRASÍLIA

2015

“Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” Ezra Pound (1970).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso buscou analisar as principais matérias de economia dos jornais Correio Braziliense e Jornal de Brasília, entre os dias 06 e 21 de outubro de 2014, período que corresponde ao segundo turno das eleições presidenciais. O objetivo foi verificar se a linguagem aplicada nas matérias é coloquial ou técnica, além da interface entre economia e política. A análise foi feita com base na análise de conteúdo, análise documental e teoria da informação. Foram avaliadas 42 matérias, sendo 21 de cada um dos veículos. A linguagem predominante foi a coloquial, com destaque para texto de conjuntura econômica. A interface política e economia foi abordada em 52% das matérias analisadas.

Palavras-chave: Jornalismo Econômico. Correio Braziliense. Jornal de Brasília.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 OBJETIVOS	6
1.2 JUSTIFICATIVA	7
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	8
2.1 O JORNAL DE BRASÍLIA E CORREIO BRAZILIENSE	8
3 REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 JORNALISMO ECONÔMICO E SUA LINGUAGEM	10
4 METODOLOGIA	18
5 ANÁLISE DOS DADOS	20
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo analisar o conteúdo das reportagens que abriram o caderno de economia do Correio Braziliense e do Jornal de Brasília durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2014. As matérias foram selecionadas pela relevância do assunto abordado para o dia a dia dos leitores e também em função da interação com a disputa eleitoral entre os candidatos Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), mais votados no primeiro turno.

O jornal possui características próprias na forma de comunicar, focadas na clareza das informações, visando não falhar pela falta de objetividade nas notícias que são levadas ao leitor. Ou seja, precisa atender a necessidade de públicos distintos, conforme Tarsila Silva (2010). A autora destaca ainda que a forma como a linguagem é aplicada nos jornais supera um atraso iminente à leitura e um déficit do aprendizado linguístico e cultural do leitor com menor escolaridade.

Conforme Barbosa (2009), economista e professora da Universidade Federal de Sergipe, existe uma falta de clareza nas falas dos economistas fora o direcionamento aos políticos ao invés da população, sendo que o primeiro interessa apenas no que o segundo pensa, como pode ser visto no trecho seguinte:

Se os economistas desejam ser compreendidos, que usem palavras simples... (e) que dirijam essas palavras menos para os políticos e mais para as pessoas comuns. Os políticos se importam com o que os eleitores pensam especialmente os eleitores em bloco, e não ligam a mínima para o que os economistas pensam. Por isso, é perda de tempo falar sobre economia com os políticos. A única maneira de fazer os governos se comportarem como se fossem economicamente alfabetizados é confrontá-los com eleitorados que o sejam. (BARBOSA, 2009)

A autora ressalta que tem como objetivo usar uma linguagem simples e direta, traduzindo o economês para que os leitores compreendam o que eles já dominam sobre economia.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é analisar o conteúdo das matérias de economia dos dois principais jornais do Distrito Federal. Isso foi feito por meio da análise da linguagem usada nas matérias de economia dos dois veículos de comunicação em estudo, para verificar se os textos exigem o domínio de conhecimento específico para sua compreensão. A pesquisa

identifica e avalia ainda quais foram os temas de economia abordados nas matérias dos veículos Correio Braziliense e Jornal de Brasília neste período, observando a relevância destes para o cotidiano do leitor e a eventual influência deste na decisão eleitoral.

1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo objeto de estudo foi desencadeado pela complexidade do conteúdo e pela linguagem técnica usada nas matérias de economia, que pode dificultar o entendimento do leitor, e prejudicar na tomada de decisões a partir destas informações. O período eleitoral foi definido como amostra deste estudo por ser um intervalo que a economia ficou em evidência, devido aos dois candidatos usarem esta como ponto de distinção entre os eleitores.

Num contexto em que inflação alta, baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), as contas públicas, empregos e renda passaram a ser temas de campanha, os dois candidatos que foram ao segundo turno tinham que convencer os eleitores qual tinha as melhores condições de fazer o país voltar a crescer.

2-CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 O JORNAL DE BRASÍLIA E CORREIO BRAZILIENSE

O Jornal de Brasília foi fundado em 10 de dezembro de 1972, pela organização Jaime Câmara, como uma nova aposta da cobertura jornalística local. O grupo possuía uma experiência positiva no mercado jornalístico, obtido com jornal impresso goiano O Popular, líder em vendas no Estado do Goiás e que tem como slogan “A Notícia Perto de Você”.

Em 2000, após ser comprado por um grupo de comunicação pernambucano, o jornal passou por diversas mudanças, tanto em seu projeto gráfico quanto em sua linha editorial. O jornal passou a ter uma linguagem mais dinâmica e objetiva.

A editoria de Cidades foi mantida e novos cadernos passaram a fazer parte do conteúdo informativo do veículo. A editoria de Suplementos foi uma das novidades desse período, o que incluía as seções de Lazer, Informática, Saúde e Negócios.

Desde 2007, o Jornal de Brasília pertence ao empresário Marcos Pereira Lombardi, dono da rede de postos de combustíveis brasiliense Gasoline. As duas mudanças de sócios fizeram com que o veículo enfrentasse fortes crises financeiras. Uma das crises mais significativa foi a de fevereiro de 2008, a qual provocou a demissão de 43 funcionários.

O objetivo principal do jornal é realizar uma cobertura noticiosa focada em acontecimentos locais. O Jornal de Brasília dá ênfase ao seu carro-chefe: a editoria de Cidades. Eventos envolvendo as cidades-satélites e a periferia brasiliense ganharam espaço no jornal, matérias policiais, política local e acidentes de trânsito estão entre as mais produzidas pela redação.

Segundo dados divulgados no site do jornal pela área comercial, 143 mil pessoas leem o Jornal de Brasília por semana, destes 56% são mulheres e 44% homens. A maioria dos seus leitores pertencem às classes A-B (50,7%), seguidos dos leitores da classe C (26,43%), e dos pertencentes a classe C (9,78%), 13,09% dos leitores não informaram a sua classe econômica.

Com base nos dados divulgados pela Agência Gabinete C, o Jornal de Brasília tem uma tiragem média de 10.500 exemplares durante a semana e 12.500 aos fins de semana, com 62% dos leitores pertencentes a classes A-B, 27% a classe C, e 11% as classes D-E, considerando que 27% dos seus leitores declaram possuir o nível superior completo.

A marca Correio Braziliense simboliza o início da imprensa no Brasil, há 200 anos, quando o primeiro jornal brasileiro, editado em Londres por Hipólito José da Costa, era enviado ao Brasil de navio. Circulou em nosso país entre 1808 e 1822.

Em 1960, os Diários Associados, aceitando um desafio do presidente Juscelino Kubitschek, se propuseram a lançar um jornal na nova capital federal, Brasília. A marca foi resgatada por Assis Chateaubriand devido a descoberta nos escritos do Hipólito José da Costa de ideias propícias à transferência da capital do Brasil do Rio de Janeiro para o interior do país. Chateaubriand aproveitou o termo brasiliense que era empregado como adjetivo pátrio de Brasília, sendo o jornal lançado no dia da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. Com o slogan “Você a frente de tudo”.

O Correio registra o cotidiano da cidade e seu acervo de jornais apresenta-se como um dos mais ricos para a pesquisa sobre a história de Brasília. No período entre 1990-2003, o Correio Braziliense foi considerado entre os jornais brasileiros o mais aberto às mudanças de linguagem nas publicações editoriais. Demonstrado claramente na primeira página do jornal, que valorizava um ou dois temas principais e utilizava uma sofisticada hierarquia tipográfica para as chamadas e manchetes (JORGE, 2010).

Hoje o Correio, como é chamado pelos brasilienses, é o jornal de maior circulação do Centro-Oeste e o mais influente no Distrito Federal e em seu entorno.

Segundo dados divulgados pelos Diários Associados, com base em estudos realizados pela EGM Marplan, os leitores do Correio Braziliense têm uma renda mensal de R\$ 5344,21, tendo o Correio 1,164 milhão de leitores por semana, destes 53% homens e 47% mulheres. A grande maioria de seus leitores pertence à classe A-B (69%), seguido dos leitores da classe C (28%), e dos leitores da classe D (4%).

Com base nos dados divulgados pela Agência Gabinete C, o Correio Braziliense tem uma tiragem de 54.268 exemplares dia, com 65% dos leitores pertencentes as classes A-B, e 35% as demais classes, considerando que 32% dos leitores declaram possuir o ensino superior completo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O JORNALISMO ECONÔMICO E SUA LINGUAGEM

A necessidade de entender o que se passa na economia está se tornando cada vez maior e mais pertinente. Segundo o economista Singer (2014), existem vários fatores para isso, mas o que merece destaque é a globalização das economias nacionais, que chegou ao país com atraso e provocando mudanças as quais os efeitos necessitaram de um período de reestruturação.

No jornalismo econômico o repórter estará escrevendo para pessoas que, de um jeito ou de outro, estão interessadas em dinheiro. São profissionais, executivos, trabalhadores e empresários, jovens ou velhos, mulheres ou homens, de todas as raças e credos, que estão interessados em saber algo a respeito de dinheiro (BASILE, 2011). Falecido em março de 2011, Basile foi uma referência no jornalismo econômico, área na qual atuou na Folha de S.Paulo, Gazeta Mercantil, e Revista Exame, além de ter sido professor de jornalismo da Faculdade Cásper Libero, em São Paulo.

Segundo Kucinski (2000), os leitores apresentam dificuldade em decodificar os termos aplicados nas matérias de economia dos jornais de acesso do grande público. Para o autor, é um problema que engloba até mesmo os leitores com uma melhor qualificação e maior escolaridade. Professor da Universidade de São Paulo, Kucinski é um dos mais experientes e respeitados jornalistas brasileiros, além de autor de vários livros, incluindo o Prêmio Jabuti de 1997 com o livro *Jornalismo Econômico* (1996), resultado de sua tese de livre-docência e do pós-doutorado realizado em Londres.

O leitor que se interessa pelo jornalismo econômico, em geral, já está informado sobre os demais temas que compõem a nossa vida cotidiana. É bastante provável que busque a imprensa especializada para atender a sua necessidade bastante peculiar de informações, por este motivo esse tipo de leitor tem que ser ganho com mais afinco e disposição do que aqueles que chegam a nós naquelas seções mais genéricas e abertas da mídia (BASILE 2011).

O “bolso” costuma-se ser visto como a parte mais sensível do ser humano. Por este motivo as pessoas não gostam de ser mal tratadas por uma apuração ininteligível, sobre algum tema da atualidade econômica ou negócios (BASILE, 2011).

Mesmo apresentando dificuldade no entendimento e na compreensão do assunto apresentado pelos jornalistas, o público considera importante o jornalismo econômico por abordar de temas de extrema relevância para o seu dia-a-dia, como por exemplo, o aumento

da gasolina e da conta de luz, mas também da taxa Selic sendo este complexo devido à dificuldade de visibilidade de sua aplicação em seu cotidiano, que explicados pelos os jornalistas tornam-se mais compreensíveis (KUCINSKI, 2000).

Kucinski ressaltou ainda que a batalha para simplificar os termos técnicos de economia, complexo ao grande público, em uma linguagem de fácil entendimento infelizmente ainda não foi vencida. Uma das hipóteses para isso, segundo ele, pode estar relacionada ao fato de o processo econômico exigir um conhecimento além do convencional.

Se formos chatos, burocráticos, os leitores simplesmente passarão pelo nosso texto, defende Basile (2011). Se ao contrário disso, continua ele, formos rápido, descritivos, atentos, competentes, emotivos e apaixonados em nossos textos, as pessoas certamente se voltarão para nós e o tipo de jornalismo que praticamos.

O leitor assiste passivamente desenvolvimento deste processo. Os líderes desta mudança com elevada competência técnica, mas pouco dispostos a argumentar e debater as condições que envolvem este desenvolvimento interage em uma estranha língua, muito parecida com o português, mas ininteligível para a população. É o economês. (BASILE, 2002).

A informação econômica é de extrema importância para os leitores, ouvintes e telespectadores. Trata-se de saber como se organizar para levar essas informações até eles.

Os assuntos econômicos na macroeconomia são tratados de forma dedutiva, do geral para o particular. O jornalista foca na análise das contas nacionais, da inflação e nas variações dos juros, a partir desta análise da interação desses fatores com a sociedade e a política disponibiliza a sua avaliação aos leitores (BASILE, 2011). Enquanto, na microeconomia trata-se da forma indutiva, do particular para o geral. Destaca-se os agentes econômicos, os empresários, os consumidores, os trabalhadores e a interação entre estes personagens.

Outra maneira de estruturar as informações é pela forma como vai ser organizado o acesso à economia e aos negócios. A cobertura vertical é setorial e, quando bem concebida e realizada, é uma poderosa forma de acesso à realidade econômica. É, desta forma, que os economistas se organizam para analisar cuidadosamente o comportamento da economia. Este modelo de cobertura é tão importante que os jornais se organizaram em torno deste e jornalistas ganham a vida como especialistas cobrindo determinado setor (BASILE, 2011).

A cobertura horizontal, também conhecida como geográfica, é a que os jornalistas mais usam devido a amplitudes dos veículos comunicação impresso ser dividida em municipal, estadual, regional, nacional e internacional. Esta divisão é extremamente importante para o repórter: quanto mais localizada a cobertura mais rica será a matéria. Mas o

profissional precisar ser cuidadoso para não ultrapassar os limites geográficos e perder o norte de sua cobertura.

Um dos primeiros jornalistas que teve o mérito de explicar ao grande público o significado do economês foi Joelmir Beting, quando ganhou uma coluna na Folha de S.Paulo, no final dos anos 60, na qual buscava ordenar aquela sopa de letras. Beting explicava o significado daquelas expressões estranhas dos economistas usando metáforas, assim, as pessoas começaram a compreender (BASILE, 2002).

A regra básica para o jornalismo também vale para o jornalismo econômico: seja preciso, utilize apenas as palavras que passarão a informação que você transmitirá. Não exagere, porque isso distrai, dispersa, desestimula e irrita o leitor.

O comportamento ético, no exercício de escrever, o conduzirá a integridade no exercício da profissão e na vida também. É agir de acordo com a forma como se pensa, frequentemente. Porque ações coerentes com pensamentos geram hábitos, que geram comportamentos, que configuram o caráter, que acaba se transformando no destino da pessoa, independente da profissão (BASILE, 2011).

Se a matéria for muito carregada de números, se for impossível encontrar a notícia no meio de tanta estatística, ela provavelmente está sendo mal editada. Hoje, lembra Basile (2011), existem maravilhosos recursos infográfico, tabelas e inúmeros outros recursos que podem ser usados para compactar a informação e torná-la mais atraente e compreensível ao leitor.

Os problemas apresentados na referência bibliográfica analisada referente à dificuldade de entendimento dos leitores frente a questões econômicas, além de justificar a minha escolha do tema para o meu trabalho de conclusão do curso de jornalismo, me motivaram a realizar um estudo mais cuidadoso e detalhista por trata-se de uma questão que requer atenção e um empenho para ser suprida o mais breve possível, buscando atender a demanda dos leitores e consumidores.

O grande impulso para o jornalismo econômico em nosso país foi o regime militar, possibilitando que a área começasse se constituir como especialidade profissional dos jornalistas, no final da década de 60 (PULITI, 2013).

A censura durante o regime militar acabou por reduzir as páginas dedicadas à cobertura política, abrindo espaço para temas econômicos num momento em que uma classe média começava a se formar em algumas regiões metropolitanas (BASILE, 2002). Fator que acabou fortalecendo o jornalismo econômico, devido a necessidade de dar maior visibilidade

ao “milagre econômico” e a “queda da inflação”, com objetivo de tornar estes fatos em grandiosos, ou seja, um grande feito daquele governo (CALDAS, 2003).

Durante a gestão do Delfim Neto no Ministério da Fazenda (1967-1974), a imprensa dedicou a exaltar o Produto Interno Bruto (PIB), que crescia em taxas anuais médias superiores a 10%, comprovando o sucesso do desempenho econômico do país denominado “Milagre Econômico” (PULITI, 2013). Neste período, professores de economia da Universidade de São Paulo foram convidados a integrar a equipe da revista Exame, com a finalidade de discutir com os jornalistas os fatos que estavam ocorrendo na economia brasileira. Para que estes levassem aos seus leitores os significados daquelas informações, e não apenas dados que seriam incompreensíveis para muitos.

Em troca da liberdade retirada do povo, o regime militar oferecia uma perspectiva de crescimento econômico, empregos e maior estabilidade. Motivado pelos empréstimos realizados pelo Tesouro Nacional aos setores públicos e privados, que ocasionaram um grande ciclo de crescimento econômico, nos primeiros anos da década de 70, que ficou conhecido como o “milagre brasileiro” (BASILE, 2002). A imprensa, que era duramente atingida pela censura, tinha possibilidade de cobrir as transformações econômicas, que iam provocando mudanças no Brasil. Em uma fase de crescimento econômico, nos anos 70, criou-se a expressão milagre brasileiro, isso era permitido cobrir. A imprensa buscou cobrir e explicar o que estava acontecendo, desde o começo, ciente que poderia tudo dar certo ou errado (BASILE, 2002).

A crise econômica iniciada na metade de 1974, na inércia dos movimentos econômicos mundial, representou mais que apenas a reversão de um ciclo econômico de curto prazo. Refletiu a emergência da crise estrutural e o esgotamento do modelo econômico adotado no Brasil no final da década de 60.

O milagre econômico começou a despencar em 1974, com o primeiro choque do petróleo, que resultou na aceleração inflacionária e a balança comercial brasileira começou a registrar déficit expressivo devido à importação de petróleo e combustíveis. O crescimento que estava em dois dígitos, chegou a 4% (PULITI, 2013).

O desgaste daquele modelo econômico, as rupturas dentro do regime militar, o enfraquecimento do apoio social e a evolução das lutas democráticas fortaleceram os movimentos que buscaram isolar a ala do governo que era favorável a abertura do mercado ao capital estrangeiro. Acabaram percebendo que devido ao esgotamento do modelo econômico dependente do capital externo, abriam-se oportunidades favoráveis à mudança em virtude das condições das políticas, econômicas e sócias vivenciadas naquele momento.

As crises externas, a censura dos assuntos de política e a inflação em alta fizeram da economia o centro dos noticiários a partir de meados da década de 70, as informações econômicas para a elite eram fundamentais para a tomada de decisões e, para os demais, o jornalismo econômico tinha a função de explicar os impactos dos juros e da inflação no aluguel, salários, empregos e nas prestações da casa própria (KUCINSKI, 1996; PULITI, 2013).

O avanço do jornalismo econômico está marcado, além de sua utilidade específica proporcionada pelas notícias e serviços, mas também por um denso conteúdo político, no sentido de ter mostrado a sociedade que o regime militar não era mais eficaz no ponto de vista econômico, dando força a cobertura da macroeconomia e posteriormente a cobertura da microeconomia devido ao esforço dos jornalistas de economia por conta do crescimento, desenvolvimento e necessidade da área (BASILE, 2002).

Com a criação do Jornal da Tarde, no começo dos anos 70, a notícia de economia ganhou um perfil mais atraente ao consumidor, também nas aplicações financeiras, com sessões de dicas ou ABC. Foram criadas, com grande ênfase, seções do gênero “Seu dinheiro”, direcionada a classe média que almejava sair do aluguel e fazer aplicações financeiras (PULITI, 2013).

Em meados da década de 70, Luiz Fernando Levy estava determinado a transformar a Gazeta Mercantil em um grande jornal de economia e negócios, que o fez vender a gráfica do jornal para aplicar o valor arrecadado na formação de uma boa redação (BASILE, 2002). Ainda segundo Basile, a imprensa econômica era necessária para que os leitores entendessem a complexidade das questões relacionadas às tentativas de realizar a estabilização da moeda, compreender porque o país tinha quebrado, em 1981, quais eram as possibilidades de o Brasil voltar a crescer, e os motivos de fazemos parte de uma nação tão injustamente dividida entre ricos e pobres.

A democratização, em 1985, foi também um movimento importante para a aplicação da imprensa econômica. As redes de televisão, que até aquele momento davam pouco espaço aos temas de economia, passaram a investir seriamente no assunto. Publicações segmentadas e revistas especializadas para cada área das atividades econômicas começaram a surgir. Os leitores consumiam as informações econômicas, e eram ansiosos por mais informações.

A Nova República presidida pelo José Sarney começou com o signo do legado político de Tancredo Neves. A sua primeira fase durou até a formulação do Programa de Estabilização Econômica, conhecido como Plano Cruzado, em 1986, que uniu o essencial da sua atividade relacionada à tarefa de reconstrução democrática. Visando o enfraquecimento e a

desarticulação da máquina autoritária que servia de sustentação ao regime militar (SOUZA, 2008).

O governo Sarney começou visando inicialmente a reestruturação democrática, mas logo deu os primeiros passos no combate aos severos problemas sociais, em virtude disso acabou com a política de arrocho salarial adotando medidas visando melhorar o salário real, como por exemplo o aumento do mínimo acima da inflação. O foco do governo começou a ser o crescimento econômico e não simplesmente o combate à inflação, este agora feito sem interferir no desenvolvimento econômico do país (SOUZA, 2008).

Em 1987, com a queda da equipe do Plano Cruzado, a política econômica adotada foi resgatando o dogma monetarista, com o domínio da estabilidade sobre o desenvolvimento, e articulações para privatização de empresas públicas e abertura econômica aos produtos importados (SOUZA, 2008). Após, o Plano Cruzado, o governo baixou o Plano Bresser em 1987, que congelou os salários e preços por 90 dias.

Bresser não passou de mais uma tentativa frustrada, de continuar tentando enfrentar os graves problemas econômicos do país com corte da demanda, com o arrocho salarial e dos gastos públicos, e a perda de controle do aumento das taxas de juros. Após a cobertura jornalística entusiasmada do Plano Cruzado e do Bresser, a imprensa especializada cobrou do governo, de forma enfática, a tomada de decisões que efetivamente geraram algum resultado no Plano Cruzado Novo ou Verão (BRITO, 2013).

Com a renegociação da dívida externa no âmbito do Plano Brady, de 1989, retornaram os investimentos estrangeiros, através da compra de títulos do governo. Neste período, as instituições financeiras passaram a contratar assessores de imprensa, e começaram a formar os departamentos econômicos, que realizavam estudos e projeções para os clientes (PULITI, 2013).

Poucos acontecimentos em nossa história terão tido tanta importância para o desenvolvimento da imprensa econômica quanto o confisco das poupanças em 1990, pelo então presidente Fernando Collor de Mello (BASILE, 2002). Os brasileiros foram pegos de surpresa, ao serem informados que teriam disponível em sua conta apenas 50 cruzados novos. Essas e outras questões extremamente angustiantes atormentavam o dia-a-dia dos leitores, que precisavam entender o que estava acontecendo. Em virtude disso o jornalismo econômico teve uma oportunidade de ouro.

Segundo Sidnei Basile (2002), os veículos e jornalistas aproveitaram as oportunidades que daquele momento. Investiram muito na cobertura econômica e de negócios, buscavam explicar como aqueles vetores afetavam as finanças dos cidadãos. Basile ressaltou que vários

jornalistas se destacaram pela sua integridade e coragem ao interpretar a inquietação, ansiedade e fúria da população, com ressalvas para a jornalista Lilian Wite Fibe.

Ao lançar o Plano Real em 1994, o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, acreditava que era fundamental realizar um excelente trabalho de comunicação, visando evitar falhas que pudessem colocar o Plano Real em risco. Para ele, transmitir informações de forma clara e coesa proporcionaria o sucesso do plano econômico que acabava de lançar (PULITI, 2013).

Devido ao colapso das contas externas e a desvalorização cambial do real, o governo Fernando Henrique (1994-1998; 1999-2002) teve que mudar a política de combate à inflação, as taxas cambiais não poderiam mais ser o mecanismo de controle da inflação (SOUZA, 2008). A economia brasileira, que vinha sendo prejudicada pela combinação entre o crescente passivo externo e a robusta dívida pública, começou a partir de 2001 a ser pressionada pela economia dos países ricos, devido a desaceleração da economia mundial, pela crise econômica que atingia a Argentina e pelo racionamento de energia no Brasil.

O governo Lula (2003-2006; 2007-2010) percebeu rapidamente que em um mundo que as grandes potências econômicas formavam blocos regionais para fortalecer sua capacidade de disputa e domínio sobre as nações menos estruturadas, a única garantia dos interesses de uma nação em desenvolvimento ser ouvida na esfera internacional era através da participação em um bloco econômico ou político, uma vez que a integração em um destes grupos amplia a capacidade de negociação nos fóruns internacionais (SOUZA, 2008).

Analisando a partir das atividades econômica, as consequências de adotar as três âncoras (monetária, cambial e fiscal) não foram diferentes na gestão FHC e Lula (SOUZA, 2008). Esta medida até consegue controlar momentaneamente a inflação, mas ao barrar o investimento e a demanda e pressionar a produção interna, substituindo-a por produção externa, sacrifica as atividades econômicas e o emprego.

Ainda conforme Basile (2011), no começo dos anos 2000, a imprensa econômica conseguiu mostrar aos leitores e aos consumidores de forma mais categórica sua importância. Esta conquista do público proporcionou a criação de novos canais de comunicação com esse ávido público. Os novos canais colocaram a disposição dos leitores a informação on-line, em tempo real, por quais tem a possibilidade de saber o que está acontecendo no mundo das finanças e a partir dessas informações tomar decisões.

Uma mudança econômica importante entre o primeiro e o segundo mandato do Lula foi a elaboração do Programa de Aceleração do Crescimento, visando estimular o crescimento econômico do país. O resultado pode ser visto na taxa de crescimento do PIB, que passou de

3,7% em 2006, para 5% em 2007, superando até mesmo a meta de 4,25% que tinha sido estabelecida. A manutenção deste ritmo de crescimento começou a depender da continuidade da redução das taxas de juros, que não depende apenas da vontade do governo, mas também do cenário econômico mundial, cujo nível de atividade foi retomado aos poucos e num ritmo mais lento que desejado.

Sempre que ocorrem intensas transformações estruturais da economia, como tem acontecido nas últimas décadas, surgem opções polarizadas levando a decisão final para serem tomada no plano político. Em um país democrático igual ao Brasil cabe aos eleitores a escolher a melhor opção entre as apresentadas, assim definindo o governante do país para os próximos quatro anos como base em suas propostas para economia e para outros diversos setores (SINGER, 2014).

4 METODOLOGIA

As metodologias utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa foram a análise documental e de conteúdo. Segundo Pimentel (2001), a análise documental é uma técnica que consiste em estudos realizados em documentos que permite a extração de informações a serem analisadas e interpretadas de acordo com os objetivos do trabalho.

A técnica análise documental é considerada como tratamento de conteúdo com a finalidade de apresentá-lo de forma que facilite o acesso e a diferenciação, tendo o objetivo de dar esta informação de outra maneira, através do processo de transformação (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), consiste em um conjunto de técnicas de estudo das comunicações com o objetivo de obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos, descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que possibilitam a dedução de conhecimentos relacionados às condições de produção e recepção destas mensagens.

As análises documental e de conteúdo foram aplicadas com o objetivo de avaliar e comparar o conteúdo das matérias de economia do Jornal de Brasília e do Correio Braziliense, através da qualificação dos temas abordados nas mesmas.

Os métodos de análise documental e de conteúdo auxiliaram na realização deste estudo. Com a aplicação da fundamentação teórica destes métodos foi possível realizar a análise deste estudo. Além dos dois métodos de análise, trabalhei com a teoria da informação para analisar como as notícias de economia são levadas aos leitores destes dois veículos, visando identificar a utilização de termos técnicos que requerem domínio de conhecimentos específicos da área.

A teoria da informação é um ramo da matemática que estuda quantificação da informação. Essa teoria teve seus pilares estabelecidos por Shannon (1948), que formalizou conceitos com aplicações na teoria da comunicação e estatística. A teoria da informação foi desenvolvida originalmente para compressão de dados, para transmissão e armazenamento destes. Porém, foi planejada para aplicação ampla, e tem sido usada em muitas outras áreas.

Esta foi durante um longo período o paradigma das pesquisas empíricas e das críticas, e teve poucas vezes sua eficiência questionada. Os motivos da concretização deste modelo talvez possam ser explicados pela propagação para outras áreas, que devido à sua amplitude e fácil aplicação se transformou em um sistema comunicativo abrangente. Além da sua funcionalidade em relação à comunicação interpessoal, caracterizado pela forma linear no processo comunicativo, também devido a orientação sociológica da comunicação interpessoal

e no papel assumidos pela teoria crítica e pelas correntes desencadeadas por esta (WOLF, 2010).

Esta teoria, aplicada empiricamente na análise das condições de transmissão das mensagens, salienta que os efeitos e as funções sociais dos *mass media* não podem se desvincular da relação existente entre as partes, dentro da relação comunicativa, do mecanismo de reconhecimento e de atribuição de sentido, que são essenciais nessa relação (WOLF, 2010).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

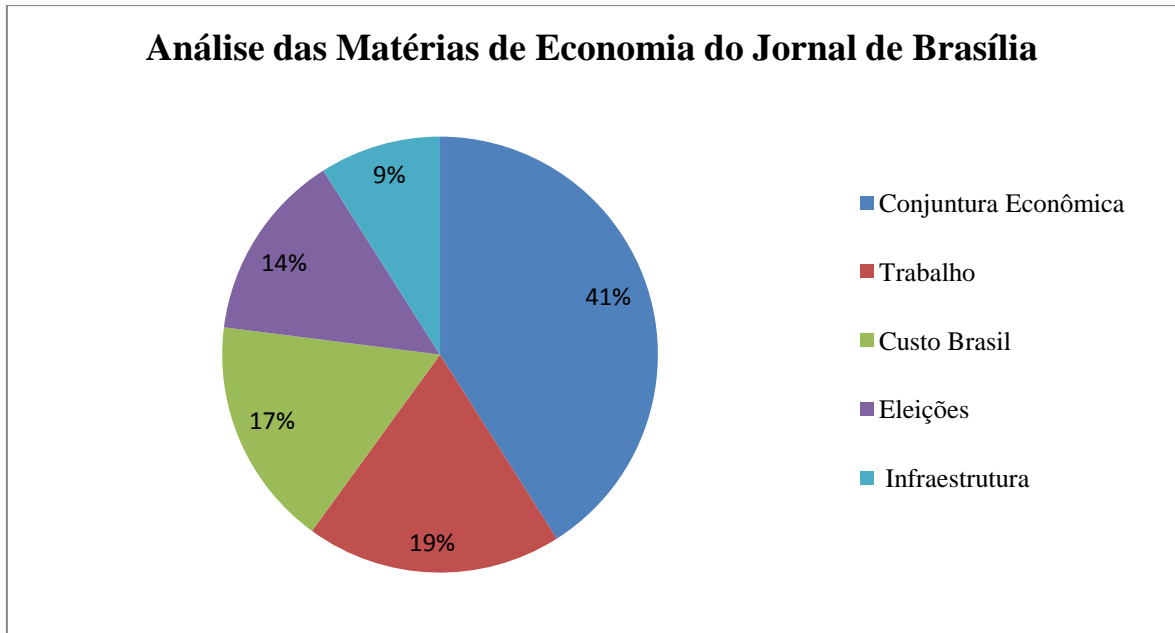
Os dados das matérias analisadas foram primeiramente classificados por edição, considerando a relevância junto ao tema do trabalho desenvolvido. Posteriormente estes dados foram codificados em cinco categorias (trabalho, conjuntura econômica, infraestrutura, eleição e custo Brasil), com a finalidade de realizar a análise de conteúdo.

Para a definição das categorias foi analisada a abrangência e a sua importância junto à economia, com objetivo de ter uma classificação ampla, mas que também inferisse ao assunto deste trabalho, possibilitando análise do conteúdo e proporcionado um resultado mais concreto.

TABELA 1 – Apresentação das Categorias

Categoria	Justificativa
Eleições	Trata-se de uma categoria que se relaciona com todas as outras por se tratar de um termo que devido ao momento influencia na relação de trabalho, conjuntura econômica, na infraestrutura e também no custo Brasil, mesmo com a abrangência próxima a 13% neste estudo foi categorizada pela sua importância no contexto econômico.
Infraestrutura	Influência diretamente na economia e no período das eleições além de interagir com a conjuntura econômica brasileira, também influencia no pleito eleitoral.
Trabalho	Foi definido como categoria por ser um fator econômico que consegue agrupar outros termos relacionados à categoria, como por exemplo: salário, assalariado, valor, vagas, mercado de trabalho e desemprego.
Custo Brasil	Descreve o conjunto de dificuldades econômicas e burocráticas que interferem no desenvolvimento e crescimento do país, além de ocasionar o desemprego, o trabalho informal devido aos impostos relacionados ao trabalho formal, e a sonegação de impostos, comprometendo a eficiência e competitividade das empresas e indústrias nacionais.
Conjuntura Econômica	Econômica tornou-se categoria por tratar de um conjunto de fatores que englobam a economia, que proporcionou a união de aproximadamente 44% dos termos classificados perante a leitura das matérias dos jornais estudados. Entre eles inflação, Bolsa de Valores, PIB, juros, crédito, inadimplência, salário e finanças.

Fonte : Própria

GRÁFICO 1 – Análise das Matérias de Economia do Jornal de Brasília

Fonte: Própria

A análise das matérias principais de economia das 21 edições do Jornal de Brasília permitiu a categorização de 104 termos que refletiam a economia ou ao contexto eleitoral em cinco categorias: Eleições, Infraestrutura, Trabalho, Conjuntura Econômica e Custo Brasil.

Na análise realizada nas matérias de economia do Jornal de Brasília foi possível categorizar 14 termos ligados a eleições, que corresponde a 14% do total da amostra. Mas que chamou atenção, foi o fato de termos ligados a eleições aparecerem apenas em oito das 21 matérias de economia analisadas do veículo, em pleno pleito eleitoral.

QUADRO 1 – Categoria 1: Eleições

Categoria 1: Eleições				
Aécio	Dilma	Pesquisa	Candidatos	PSDB
PT	Eleitores	Disputa	Tucano	Segundo Turno
Marina	PSB	Votação	Política	

Fonte: Própria

Na amostra estudada foi possível classificar nove termos que faziam menção à infraestrutura, que representa o conjunto de atividades da econômica que dá sustentação para o desenvolvimento de outras funções. O programa de governo dos dois candidatos que disputaram o segundo turno da eleição presidencial em 2014 apresentaram, por exemplo, medidas para enfrentar a seca.

O programa da Dilma Rousseff visa ressaltar o trabalho realizado em seu governo e minimizar a situação: “Vale destacar que, embora o Brasil tenha vivido nos últimos três anos, a maior seca das últimas décadas, graças à intensa ação do governo Dilma não houve o drama

dos retirantes famintos e sem rumo que nos afligia no passado”. Enquanto, o programa de governo do Aécio Neves destaca “Adoção de políticas especiais para o semiárido nacional, com foco na convivência com a seca” tratando a seca com uma realidade e não como fator do passado.

QUADRO 2 – Categoria 2: Infraestrutura

Categoria 2: Infraestrutura				
Indústria e Serviços	FIESP	Perda Agronegócio	Prejuízo	Meio de Transporte
Prejuízo Eco e Social	Racionamento de Água	Seca	Setor Industrial	

Fonte: Própria

Trabalho foi a terceira categoria com maior representatividade no período analisado, com 20 termos, o que correspondeu a 19% do total. A economia aquecida proporciona uma maior estabilidade no mercado de trabalho, diminuindo a taxa de desemprego, refletindo no crescimento do país.

Segundo o programa de governo de Dilma Rousseff, desde 2003, a taxa de desemprego declinou até chegar a 4,9% em abril de 2014, considerada uma situação de pleno emprego. Entretanto o desemprego continua ilustrando as páginas dos jornais e sendo uma questão que requer atenção de economistas e especialistas devido a sua relevância no contexto econômico do Brasil.

O programa de governo do Aécio Neves destacava a importância da implementação de políticas visando à diminuição da rotatividade no emprego. Uma das características que diferencia o mercado de trabalho brasileiro do que ocorre nos países mais desenvolvidos é a elevada taxa de *turn over* (rotatividade). Atualmente, quase 44% da mão de obra formal ficam menos de um ano em um mesmo emprego, apenas 30% permanecem por dois anos ou mais, e modestos 23% ficam em uma mesma empresa por mais de quatro anos.

Segundo especialistas, um dos grandes problemas do mercado de trabalho brasileiro é a alta rotatividade, que gera custo altíssimos ao empresariado devido aos gastos com impostos, benefícios, processos seletivos e também treinamento de nova mão de obra, o que acaba dificultando e impossibilitando o pagamento de melhores salários ao seu quadro de pessoal (CHIAVENATTO, 2005).

QUADRO 3 – Categoria 3: Trabalho

Categoria 3: Trabalho				
Assalariado	Aumento da Inatividade	Desemprego	Mercado de Trabalho	Ganho Real
IBGE	Contratos	Emprego Formal	Piso Salarial	Direito do Trabalho
Proposta Salarial	Reajuste	Pesquisa de Emprego	Salário	Vagas
PIMES	Queda de Produção	Benefícios	Aposentadoria	INSS

Fonte: Própria

A categoria custo Brasil teve a representatividade de 17% dos termos analisados, destacando a sua relevância no contexto econômico, mas isso não pode ser considerado bom uma vez que é um dos grandes empecilhos para o desenvolvimento do país, estimulando muitas vezes o aumento do emprego informal e a sonegação de imposto.

Ambos os candidatos em seus programas de governo destacaram a importância da simplificação do sistema tributário brasileiro, por saberem que quanto mais complexo for o sistema de controle mais difícil será o controle e mais possibilidades de sonegação existirão, agravando a falta de confiança de investidores no país.

O programa de governo da presidente Dilma ressaltou que em seu segundo mandato, a presidente buscará promover um ciclo de avanços institucionais, com objetivo de acabar com os empecilhos que dificultam a distribuição de renda.

QUADRO 4 – Categoria 4: Custo Brasil

Categoria 4: Custo Brasil				
Tributos	Comércio	Custo	Despesas Fiscais	Planejamento Financeiro
Bolsas Sociais	Cobrança de IR	Custo Fiscal	FMI	ICEI
Déficit da Balança Comercial	Fidelização	Desvalorização do Real	IPTU	IPVA
Franquias	Política Monetária	Mercado Financeiro		

Fonte: Própria

Conjuntura econômica foi a categoria de maior expressão, com amplitude de 43 termos, que correspondem a 41% do total. Esta significância era esperada devido à importância e influência deste conjunto para o dia a dia da população, são termos como inflação, crise, PIB, taxa de juros e a alta do dólar, que afetam o consumidor diariamente na ida ao supermercado, no pagamento da prestação da casa própria e do carro, no abastecimento do carro, na compra de um remédio e no lazer.

A inflação é conjuntura econômica que mais afeta a brasileiro por ser a média do aumento de preço de bens e serviços em um determinado período, por exemplo, a variação dos preços de final de março até o final de abril. A sua importância no contexto econômico,

político e social brasileiro intensificam a sua frequência nas matérias de economia publicada diariamente pelos jornais.

A projeção da crise econômica é intensificada pela influência da inflação no contexto econômico, político e social, afetando o cotidiano dos brasileiros. Os jornalistas especializados buscam informar aos seus leitores os fatores que ocasionam e agravam a crise, como por exemplo, alta taxa de juros, a desvalorização do real e a alta do dólar.

A alta do dólar ocasiona diversas consequências, algumas a longo prazo e outras a curto prazo, como o aumento do preço de alguns produtos devido a base de seus componentes serem importadas, afetando a maioria dos consumidores.

Os candidatos a presidente durante o segundo turno das eleições de 2014, tanto em seus programas de governo, nos debates e nos horários políticos, abordaram a inflação com o discurso que visava a sua queda e posterior estabilidade. Tanto em um discurso mais pessimista como no mais positivista, esse é um assunto que precisa ser abordado com seriedade em um momento de decisão como as eleições presidenciais.

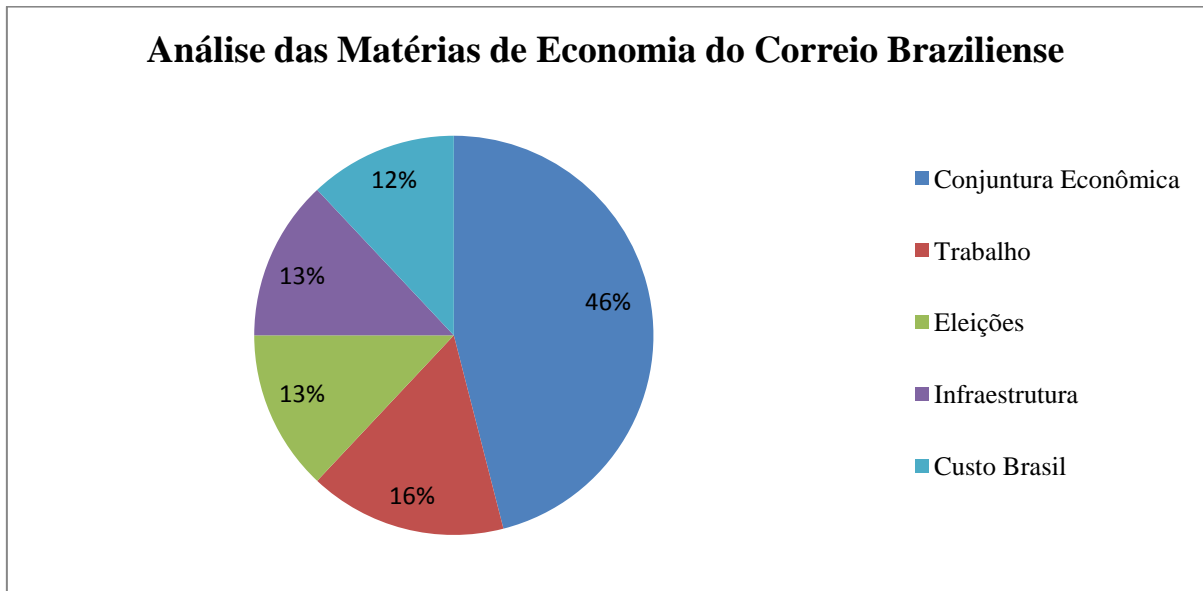
Quando o assunto foi PIB o programa de governo do Aécio Neves relacionou a investimento em cultura e educação: “Compromisso com a meta de 10% do PIB em educação, sendo 7% até 2019, como prevê o Plano Nacional de Educação”. O programa de governo da Dilma Rousseff associou o tema a dívida externa: “Ela representava 19,2% do PIB em 2002; em 2013, não passava de 3,1% do PIB”. Estas aplicações em contextos distintos nos programas de governo dos candidatos mostram a importância e influência do PIB no contexto econômico e político.

A crise da economia é um assunto frequente nas pautas dos jornalistas de economia e de política, principalmente durante o pleito eleitoral, quando a situação busca minimizar e a oposição visa inflar este problema. A candidata do governo ressaltou que a Copa do Mundo, realizada no Brasil entre junho e julho de 2014, representava a vitória política de um país que vinha vencendo a crise.

QUADRO 5- Categoria 5: Conjuntura Econômica

Categoria 5: Conjuntura Econômica				
Crescimento	Alta do Dólar	Aluguel	Baixa Rentabilidade	Crédito
Inadimplência	Baixo Crescimento	Alta Bolsa	Ações Petrobras	Aumento de Preço
Aumento de Gasto	Cagest	Aumento de Consumo	Bolsa de Valor	Parcelamento
Copom	IPCA	Poupar	Taxa Selic	Corrupção
Credito	Banco Central	Crise	CNC	Renda
CDB	Inflação	Cartão	Dividas	Estabilidade
Investimento	Gasto com Refeição	Focus	Taxas de Juros	Finanças
IBC	IGPS	Faturamento	Preços	Salário
PIB	Mercado	Mercado Financeiro		

Fonte: Própria

GRÁFICO 2 : Análise das Matérias de Economia do Correio Braziliense

Fonte: Própria

A partir da análise das 21 matérias principais de economia do Correio Braziliense foi possível categorizar 125 termos referentes à economia ou ao período eleitoral em cinco categorias: Eleições, Infraestrutura, Trabalho, Conjuntura Econômica e Custo Brasil.

Com 16 termos, a categoria eleições corresponde a 13% na análise realizada nas matérias deste veículo. A importância da categoria para economia foi demonstrada de outra forma, com a aparição de termos relacionados a eleições em 14 das 21 das edições do Correio que compuseram o segundo turno do pleito de 2014.

QUADRO 6- Categoria 1: Eleições

Categoria 1: Eleições				
Oposição	Dilma	Aécio	Pesquisa	Eleição
Quadro Eleitoral	Candidatos	Votação	Tucano	PT
PSDB	Campanha	Urnas	Votos	Reeleição
Rejeição				

Fonte: Própria

O índice de 13% da categoria infraestrutura nas matérias de economia do Correio pode ser explicado pelos problemas de infraestrutura que afetavam o país naquele momento de eleições: a seca e a falta de água principalmente em São Paulo, movimentava o cenário político nacional.

Devido à crise hídrica sofrida pelo estado de São Paulo afetar diretamente a economia brasileira, a sua repercussão foi nacional deixando de ser tratado apenas como um problema do governo estadual, mas como um problema nacional a ser tratado na campanha presidencial.

O caos no transporte público que ocasiona grandes transtornos as metrópoles brasileira afetando diretamente na produtividade do país e na economia, devido a vários fatores entre eles a demora de locomoção e o péssimo estado da frota.

O risco de apagão coloca em risco a produtividade brasileira devido à produção das indústrias dependerem da energia elétrica. O problema frequentemente é noticiado pelos jornais, mas fica mais evidente no período eleitoral. Devido a possibilidade de apagão ser um incômodo tanto para o governo como para oposição. Em virtude da crise hídrica enfrentada pelo Estado de São Paulo, governado pelo Geraldo Alckmin do PSDB.

Os problemas de infraestrutura demandam um grande investimento financeiro e demora um longo período para a população usufruir de seus benefícios. Entretanto interferem drasticamente do desenvolvimento e crescimento do país. Acabamos sentindo as consequências desta falta de infraestrutura brasileira, cobrada diariamente nos preços dos produtos devido aos gastos com transporte e produção.

QUADRO 7- Categoria 2: Infraestrutura

Categoria 2: Infraestrutura				
Combustíveis	Fabricas	Hidrelétrica	Produção de riquezas	Obras
Aeroporto	Seca	Caos energético	Serviços	Comercio
Energia elétrica	Geração térmica	Indústrias	Bens e serviços	Transporte público
Desenvolvimento				

Fonte: Própria

Nesta análise a categoria trabalho foi a segunda mais expressiva, com uma amplitude de 16%. O fato da grande maioria dos leitores deste veículo estar de alguma forma no

mercado de trabalho talvez explique esta relevância dada ao tema. O leitor pode ser tanto empregador como empregado.

A conjuntura econômica influencia diretamente nesta categoria tornando-a noticiosa devido à instabilidade gerada no mercado de trabalho, que ocasiona a insegurança nos trabalhadores, o aumento das demissões e a alta do desemprego.

Greve é a forma que principalmente os servidores reivindicam reajuste de salários, melhores condições de trabalho, realização de novos concursos e alguns benefícios para a categoria. É uma questão polêmica principalmente em ano eleitoral em que um dos candidatos buscava a sua reeleição, uma categoria devido ao embate direto com a presidente divulgou uma possível greve as vésperas das eleições, que poderia colocar em risco o pleito.

Mercado de trabalho é um assunto tratado por todos os candidatos durante uma eleição, independente do cargo por este disputado. Em uma eleição presidencial a evidência é ainda maior, pois todos os eleitores querem saber as propostas dos candidatos para o setor produtivo do país indiferentemente da sua interação com este.

QUADRO 8- Categoria 3 : Trabalho

Categoria 3: Trabalho				
Reajuste	Desemprego	Emprego	Emprego formal	Trabalho informal
Vagas	Mercado de trabalho	Demissões	Cargos	Salário
Benefícios	Carreira	Terceirização	IBGE	Mercado
Produtividade	Concursos	Greve	Aposentada	Auxílio desemprego

Fonte: Própria

No caso do Correio Braziliense, o Custo Brasil obteve 12 % de significância entre o total de termos categorizados, o mesmo índice de infraestrutura. É um fator que influencia de forma drástica em todas as outras categorias, por interferir na competitividade das indústrias e empresas brasileira, pelos seus produtos não terem preço atrativo ao mercado interno e externo.

O Custo Brasil também é afetado pela falta de confiança no mercado brasileiro, que aliada à falta de competitividade resulta em prejuízo para economia nacional. Por estes e outros motivos acaba interferindo na categoria eleições.

QUADRO 9- Categoria 4: Custo Brasil

Categoria 4: Custo Brasil				
Ajuste fiscal	Confiança	Competitividade	Custo Brasil	Serviços
Empresas	Instabilidade	Empresas públicas	Reajuste de energia	Impostos
Contas públicas	Mercado financeiro	Programas sociais	Balança Comercial	FMI

Fonte: Própria

Conjuntura econômica foi à categoria com maior expressão com 58 termos, que corresponde a 46% do total. Esta amplitude pode ser explicada pela importância dos fatores

da economia que influenciam diretamente a vida do consumidor e o maior jornal da cidade não pode deixar relatar aos seus leitores a realidade econômica do país de forma clara e direta para fácil entendimento.

Termos como investimento, financiamento, inadimplência, empréstimo, inflação, renda e conta de luz fazem parte do contexto dos leitores e os afetam independente do perfil econômica. São fatores que influenciam na tomada de decisão dos consumidores e no planejamento econômico das famílias e das empresas.

O leitor, busca informações no jornal sobre a economia e, no período eleitoral querem também saber como cada um dos candidatos influencia os fatores econômicos, para fazerem suas ponderações que irão pesar na sua decisão.

Durante o período eleitoral muito foi debatido sobre o tema corrupção que projeta para cima o custo Brasil, devido à instabilidade proporcionada pela falta de confiança dos investidores no mercado nacional, diminuindo a competitividade do mesmo.

A conjuntura econômica tem uma grande influência na economia brasileira, por este motivo a sua expressão nas matérias de economia analisadas foi significativa. Fatores ligados a essa categoria interagem e proporcionam consequências nas outras categorias, e interferem consequentemente nas eleições presidenciais.

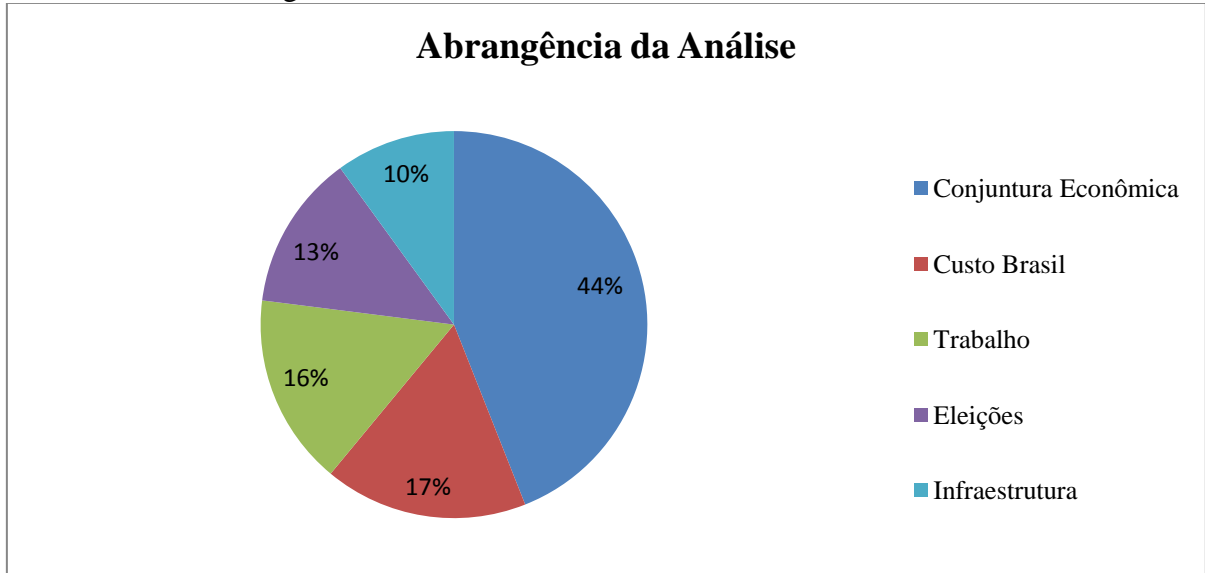
QUADRO 10- Categoria 5: Conjuntura Econômica

Categoria 5: Conjuntura Econômica				
Inflação	Juros	Taxa Selic	Copom	IPCA
PIB	Renda	Crescimento	Mercado	Bolsa
Dólar	Banco	Quebra	Crise	Investimentos
Petrobras	Ações	Rendimento	Crédito	Dinheiro
Reajuste	Orçamento familiar	Cotas	CVM	Pagamento
Aumento da receita	Prejuízo	Ibovespa	Consumo	Financiamento
Empréstimo	Inadimplência	Estabilidade	Consumidor	Mercado
Produção	Receita	Alta dos preços	Vendas	Deflação
Estagnação	Orçamento	Banco	Déficit	Importações
Desvalorização do real	Exportações	Calotes	Gastança	Varejo
Banco Central	Combustíveis	Dividas	Consórcios	Cambiais
Desvalorização	Conta de Luz	Corrupção		

Fonte: Própria

5.1 COMPARAÇÃO DAS ANÁLISES REALIZADAS

GRÁFICO3: Abrangência da Análise



Fonte :Própria

Ao comparar o resultado da análise realizada nas matérias de economia do Jornal de Brasília com a do Correio Braziliense, excluindo os termos repetidos, a amostra ficou em 177 termos, destes 77 que corresponde a 44% foram ligados a conjuntura econômica, e categoria infraestrutura teve apenas 18 termos, ou seja, 10% desta amostra.

Neste contexto a categoria eleições contou com 23 termos distintos. O assunto não foi abordado no período por nenhum dos dois veículos apenas nos dias 12, 13 e 18 de outubro de 2014. Enquanto nos dias 7, 9, 17 e 21 de outubro, os dois jornais abordaram de alguma forma termos relacionados ao pleito.

QUADRO 11- Categoria 1: Eleições

Categoria 1: Eleições				
Aécio	Dilma	Pesquisa	Candidatos	PSDB
PT	Eleitores	Disputa	Tucano	Segundo Turno
Marina	PSB	Votação	Política	Oposição
Eleição	Quadro Eleitoral	Candidatos	Votação	Campanha
Urnas	Reeleição	Rejeição		

Fonte: Própria

O tema infraestrutura apresentou a menor significância nesta análise, com uma representação de apenas 10%, ao unir os dados do estudo realizado em cada dos veículos obtive 25 termos relacionados a essa categoria, dos quais 7 foram eliminados por aparecerem duas vezes.

QUADRO 12- Categoria 2: Infraestrutura

Categoria 2: Infraestrutura				
Aeroporto	Caos energético	Combustíveis	Comercio	Desenvolvimento
Energia elétrica	Fabricas	FIESP	Geração térmica	Hidrelétrica
Indústria e Serviços	Meio de Transporte	Obras	Prejuízo	Produção de riquezas
Racionamento de Água	Seca	Transporte público		

Fonte: Própria

Trabalho foi a terceira categoria mais relevante na análise realizada após a junção dos dados, porém perdeu 11 termos por serem repetidos ou terem sinônimos, que corresponde à perda de 27% da amostrada desta categoria. Significa que quase 30% do assunto apresentado pelos veículos sobre trabalho, usam termos similares ao invés de informações diferenciadas que proporcionaria um maior entendimento sobre o assunto aos leitores

QUADRO 13- Categoria 3 : Trabalho

Categoria 3: Trabalho				
Aposentadoria	Assalariado	Aumento da Inatividade	Auxilio desemprego	Benefícios
Carreira	Concursos	Contratos	Demissões	Cargos
Desemprego	Direito do Trabalho	Emprego Formal	Ganho Real	Greve
IBGE	INSS	Mercado de Trabalho	Pesquisa de Emprego	PIMES
Piso Salarial	Produtividade	Proposta Salarial	Queda de Produção	Reajuste
Salário	Terceirização	Trabalho informal	Vagas	

Fonte: Própria

A categoria custo Brasil teve a segunda maior representação após a unificação da análise realizada inicialmente em cada um dos veículos, com 30 termos que estatisticamente corresponde a 17% da amostra. Mostrando ser um tema importante tanto para a economia como para o período eleitoral, sendo abordado com o uso de palavras distintas em cada um dos jornais.

QUADRO 14- Categoria 4: Custo Brasil

Categoria 4: Custo Brasil				
Ajuste Fiscal	Confiança	Competitividade	Custo Brasil	Serviços
Reajuste de energia	Instabilidade	Empresas públicas	Mercado Financeiro	Impostos
Contas públicas	Mercado financeiro	Programas sociais	Balança comercial	FMI
Tributos	Comércio	Política Monetária	Despesas Fiscais	Planejamento Financeiro
Franquias	Cobrança de IR	Custo Fiscal	FMI	ICEI
Déficit da Balança Comercial	Fidelização	Desvalorização do Real	IPTU	IPVA

Fonte: Própria

Conjuntura econômica foi a categoria com maior importância, influência e representação em todas as análises realizadas neste estudo, com amplitude de 46% na amostra

referente ao Correio, de 41% na amostra do Jornal de Brasília, e na junção eliminando termos repetidos ou similares 44%.

QUADRO 15- Categoria 5: Conjuntura

Categoria 5: Conjuntura Econômica				
Ações	Ações Petrobras	Alta Bolsa	Alta do Dólar	Alta dos preços
Aumento da receita	Aumento de Consumo	Aumento de Gasto	Baixa Rentabilidade	Baixo Crescimento
Banco	Banco Central	Bolsa de Valor	Cagest	Calotes
Cambiais	Cartão	CDB	CNC	Combustíveis
Consórcios	Consumidor	Conta de Luz	Copom	Corrupção
Cotas	Crédito	Crescimento	Crise	CVM
Déficit	Deflação	Desvalorização do real	Dinheiro	Dividas
Dólar	Empréstimo	Estabilidade	Estagnação	Exportações
Faturamento	Finanças	Financiamento	Focus	Gastança
Gasto com Refeição	IBC	Ibovespa	IGPS	Importações
Inadimplência	Vendas	Inflação	Investimentos	IPCA
Juros	Mercado	Mercado Financeiro	Orçamento	Pagamento
Parcelamento	Petrobras	PIB	Poupar	Preços
Prejuízo	Produção	Quebra	Reajuste	Receita
Renda	Rendimento	Salário	Taxa Selic	Taxas de Juros
Varejo	Aluguel			

Fonte: Própria

Ao realizar a análise de conteúdo nas matérias de economia dos jornais verifiquei que há grande interface entre economia e política: em 22 das 42 matérias analisadas, 52% do total, houve destaque para a influência da política nos fatores econômicos. São assuntos que atraem o interesse do leitor, por interferirem no seu poder de compra e que afetam muitas vezes o planejamento econômico dos consumidores no curto e longo prazo.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho de conclusão de curso atingiu os objetivos almejados inicialmente que era avaliar as matérias de economia do Correio Braziliense e do Jornal de Brasília, no segundo turno das eleições presidenciais, entre 06 e 26 de outubro de 2014.

As matérias de economia do Jornal de Brasília apresentam a informação central de forma clara, porém sucinta. Em algumas delas o leitor pode ficar com a sensação que faltaram mais informações e que o assunto poderia ser melhor explorado. Enquanto, as matérias do Correio Braziliense buscam explorar mais o assunto principal auxiliando na compleição do leitor.

Considerando que apenas 33% das matérias principais ocuparam uma página do jornal, 38 % dividiram espaço com uma coluna, 19% dividiram a página com outra matéria e em duas edições (10%) a matéria principal de economia dividiu a página com pelo menos outras três reportagens.

A linguagem usada nas matérias do Jornal de Brasília é coloquial, de fácil entendimento, principalmente porque, ao usarem termos técnicos, buscam explicar o que representa no contexto que estar sendo aplicado e siglas serem apresentada com o significado. As matérias do Correio Braziliense também fazem o uso da linguagem coloquial, porém com aplicação de termos, conceitos e expressos específicas da economia e do jornalismo econômico.

Os recursos gráficos não foram devidamente explorados pelo Jornal de Brasília, o qual usou infográfica em 7 (33,3%) matérias, em contrapartida no mesmo período o Correio aplicou o recurso em 14 (66,6%) reportagem. Este recurso auxilia o entendimento do leitor, além deles usaram apenas destacaram alguns números, usaram alguns olhos “aspas” e fotos.

Um fator que deve ser destacado sobre as matérias de economia do Jornal de Brasília é que não são assinadas, nenhum jornalista do veículo assume a autoria da matéria, o leitor não tem um referencial e a quem questionar além do jornal, caso encontre um erro gravíssimo, por exemplo. Não existe aquela interação do Jornalista Econômico com o leitor do veículo, apenas as fotos são autorais.

As matérias de economia do Correio Braziliense ao contrário do Jornal de Brasília apresentam o assunto que abre seu caderno de economia de forma ampla, com matérias mais ricas e elaboradas, saindo do genérico e básico. A leitura requer maior atenção do leitor, devido à utilização mais conceitos e termos técnicos, que são aplicados de forma clara, o que possibilita o entendimento.

Das 22 matérias analisadas, 12 (57%) ocuparam toda a página principal do caderno de economia, 7 (33%) dividiram a página com uma coluna, e 2 (10%) dividiram a página com uma outra matéria abordando o mesmo assunto da principal. A disponibilização de uma página inteira para a matéria principal demonstra a sua importância, além de possibilitar que o jornalista escreva uma matéria mais analítica.

O leitor, além de ter um texto bem escrito, claro, aprofundado e detalhado, também tem gráficos, infográficos, quadros e ilustrações que podem auxiliar na sua interpretação e entendimento, principalmente pela qualidade e conexão destes recursos com as informações apresentadas nas matérias.

Todas as matérias analisadas do Correio Braziliense foram assinadas, sendo 77% (17) assinadas por um único jornalista e 23% (4) assinadas por dois jornalistas, envolvendo oito profissionais, tendo dois deles participado de cinco matérias. Entendo que essa atitude (assinar o texto) valoriza o jornalista econômico do jornal perante aos especialistas, o mercado consumidor e o de trabalho, além de fortalecer a área, tornando-a mais específica e distinta das demais.

A identificação da autoria das matérias passa ao leitor uma maior confiança e segurança sobre aquele assunto, além de proporcionar proximidade entre as partes, permitindo que o leitor do jornal se identifique com a linha de raciocínio de um determinado profissional. A identificação, além de transmitir uma maior confiabilidade, mostra quais foram os profissionais que se empenharam para levar aquela informação ao leitor.

Mesmo não sendo um dos objetivos deste trabalho de conclusão de curso a análise permitiu verificar a interface dos fatores econômicos com as eleições presidenciais, principalmente os fatores relacionados à conjuntura econômica brasileira. Como por exemplo: o Produto Interno Bruto (PIB), inflação, variação do valor do dólar, a instabilidade das operações na bolsa de valores e taxas de juros.

A partir deste estudo nota a necessidade de uma análise mais ampla abrangendo também os eleitores, com objetivo de conhecer a opinião destes a respeito da linguagem aplicada nas matérias de economia, da compreensão dos assuntos abordados, o uso de termos técnicos e a amplitude das matérias.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Valdice. **Economia numa linguagem simples e objetiva**. Disponível em < <http://napolitica.com/colunista.php?noticia=1141>> . Acesso em: 01 de dez. 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASILE, Sidney. **Elementos de jornalismo econômico: a sociedade bem informada e uma sociedade melhor**. São Paulo: Negócios, 2002.
- _____. **Elementos de jornalismo econômico: a sociedade bem informada e uma sociedade melhor**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- BRITO, Hérica. **Jornalismo de economia no Brasil**. Bahia : Editora UFRB, 2013.
- CALDAS, Álvaro. **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- JORGE, Thais **Dois sítios jornalísticos brasileiros na internet**. A capa (home page), os princípios e o modelo de negócio de uma empresa jornalística. In **XI Congresso de Periodismo Digital** – (Espanha), mar. 2010.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Edusp, 2000.
- PIMENTEL, Alessandra. **O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica**. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.114, p.179-195, nov., 2001.
- PULITI, Paula. História do Jornalismo econômico no Brasil: do café ao tempo real. **Revista Libero**, São Paulo, v.16,n.31, p. 41-50, jan/jun, 2013.
- SINGER, Paul. **Aprender Economia**. 25.ed., São Paulo: Contexto, 2014.
- SILVA, Tássia. **A linguagem do jornal impresso e a cultura do leitor**. **Revista Científica Plural**. Disponível em <http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos2010/tassia_burigo.pdf> . Acesso em 01 dez. 2014.
- SOUZA, Nilson. **Economia Brasileira Contemporânea: de Getúlio a Lula**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- WOLF, Mauro. **Teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.